

SEMEADORAS DE VIDA E RESISTÊNCIA

A experiência formativa de mulheres e jovens
mulheres defensoras da soberania alimentar



ALIANZA POR LA
SOBERANÍA ALIMENTARIA
DE LOS PUEBLOS DE
AMÉRICA LATINA Y EL
CARIBE



ALIANZA POR LA
SOBERANÍA ALIMENTARIA
DE LOS PUEBLOS DE
AMÉRICA LATINA Y EL
CARIBE

Junio 2024

Esta cartilha foi escrita pela Equipe de Coordenação Pedagógica da Escola Semeadoras de Vida e Resistência da Aliança pela Soberania Alimentar dos Povos da América Latina e do Caribe: Laura Hernández Pérez (ECMIA), Ileana Torres, Maria Carolina Llorens, Perla Álvarez Britez (CLOC-LVC), Maria Noel Salgado (MAELA), Sarah Luiza de Souza Moreira (Marcha Mundial de Mulheres), Teresa Maisano (FIAN Internacional).

Design e projeto editorial | Camila Bages

Tradução ao inglês | Harry Fox

Tradução ao português | Roger Valderrama (Revisão: Sarah Luiza de Souza Moreira)

SEMEADORAS DE VIDA E RESISTÊNCIA

**A EXPERIÊNCIA FORMATIVA DE MULHERES
E JOVENS MULHERES DEFENSORAS DA
SOBERANIA ALIMENTAR**

Cartilha da Escola Feminista da Aliança pela Soberania
Alimentar dos Povos da América Latina e do Caribe

ÍNDICE

Introdução	5
O que é a Aliança pela Soberania Alimentar dos Povos da América Latina e do Caribe? Trajetória da Escola Semeadoras de Vida e Resistência.	7
1. Feminismo, Agroecologia e Soberania alimentar	18
2. Direitos humanos e violências:	24
Como fazer a defesa da soberania alimentar e dos direitos humanos nos espaços organizativos e/ou comunitários?	
3. A participação política das mulheres e jovens mulheres: os desafios nos nossos espaços coletivos mistos	34
4. A incidência no interior e exterior das organizações e/ou comunidades	40
5. A importância de construir uma liderança intergeracional a partir das experiências e lutas das mulheres e jovens mulheres	46
6. Economia feminista e Soberania alimentar	52

INTRODUÇÃO

Esta cartilha recolhe e apresenta as experiências, os conceitos e os instrumentos utilizados na primeira edição da Escola de Mulheres e Jovens Mulheres Defensoras da Soberania Alimentar “Semeadoras de Vida e Resistência” da Aliança pela Soberania Alimentar dos Povos da América Latina e do Caribe ao longo de 2023.

Em setembro de 2022, no âmbito de um encontro ampliado do Comitê Facilitador da Aliança, nós, delegadas mulheres da Aliança, fizemos o nosso primeiro encontro na Argentina e constituímos o Grupo de Trabalho de Mulheres e Feminismos. Naquele momento, ratificamos a convicção de que uma escola para mulheres era uma ferramenta fundamental para fortalecer as nossas lideranças coletivamente, e dessa forma, junto com a vontade e alguns recursos disponibilizados, pudemos concretizar a nossa primeira Escola de Formação.

A escola foi o primeiro espaço de formação política e encontro das mulheres da Aliança. O nome da escola fala de todas nós, da nossa cotidianidade e das nossas lutas para uma Soberania Alimentar livre de todas as formas de violência de gênero. Também fala de que escolhemos ser protagonistas de uma construção coletiva de futuro, a partir das nossas vivências, aprendizados, experiências individuais e organizativas, e das memórias das nossas ancestrais.

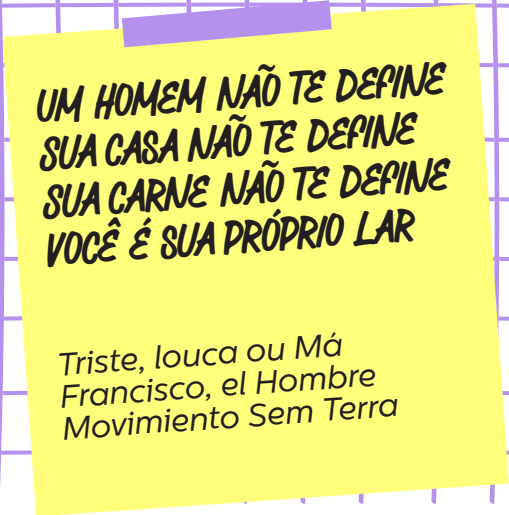
A Escola reconheceu a diversidade das origens e saberes, centrando-se na importância de valorizar o espaço de escuta e priorizando a participação das companheiras dedicadas ao trabalho comunitário.

Através deste material, visamos levar a Escola para os territórios, compartilhar o que foi discutido no processo dos encontros virtuais e presencial e abrir espaços para nos articularmos, enfrentar os desafios complexos que impactam nossas vidas, nossos corpos, as comunidades e territórios que habitamos, para seguir construindo conhecimentos coletivos, reconhecendo-nos como o centro das nossas histórias.

Estamos convencidas de que o estudo nas nossas comunidades contribuirá para elevar as nossas vozes, nos nutrirá de energias e qualificará as nossas propostas para fortalecer nossas organizações de base e regionais, porque uma Aliança com mulheres fortalecidas, cuidadas e autônomas é uma Aliança mais forte para todas, todos e todes!

BOM ESTUDO!

**Equipe de Coordenação
Pedagógica da Escola**



**UM HOMEM NÃO TE DEFINE
SUA CASA NÃO TE DEFINE
SUA CARNE NÃO TE DEFINE
VOCÊ É SUA PRÓPRIO LAR**

Triste, louca ou Má
Francisco, el Hombre
Movimiento Sem Terra

O QUE É A ALIANÇA PELA SOBERANIA ALIMENTAR DOS POVOS DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE?

É uma aliança política e social de redes regionais e sub-regionais latino-americanas e caribenhas, de movimentos e organizações produtoras, de agricultoras e agricultores familiares, da agricultura urbana, de pastoras e pastores, de povos indígenas, de coletoras e pescadores artesanais, de trabalhadoras rurais, agroecológicas, afrodescendentes, mulheres, juventudes, ambientalistas, consumidoras e consumidores e redes de apoio comprometidas na luta pela Soberania Alimentar dos Povos.

La Aliança pela Soberania Alimentar dos Povos da América Latina e do Caribe é a regional latino-americana e caribenha do Comitê Internacional de Planejamento pela Soberania Alimentar (CIP), que tem como objetivo continuar fortalecendo a construção da Soberania Alimentar na nossa região.

Surge em 2012 e é constituída em 2013, a partir de um processo de fortalecimento entre os movimentos e organizações que enfrentam o acaparamento de nossos territórios, florestas, águas, sementes, terras, e a criminalização das nossas lutas. Nesta

primeira Assembleia foram estabelecidos os princípios, objetivos e estratégias de ação da Aliança.

No momento da publicação desta cartilha, a Aliança tinha acabado de realizar sua 3ª Assembleia Continental com 60 participantes de 16 países, com 20 organizações continentais e regionais, no Chile. A Assembleia contou com a participação protagonista de mulheres e mulheres jovens das nossas organizações, destacando-se como o primeiro cenário que ratifica a importância de nossa escola e do Grupo de Trabalho Mulheres e Feminismo da Aliança.



[Participantes da reunião presencial da escola. IALA Maria Cano, Viotá, Colômbia \(novembro de 2023\).](#)

[A Aliança propõe contribuir para a unidade dos povos da América Latina e do Caribe que lutam pela Soberania Alimentar como elemento fundamental na construção de um novo modelo de sociedade baseado no Bem Viver, na Soberania Popular e na Justiça Social, de Gênero e Ambiental.](#)

A Aliança posiciona a Agroecologia como modo de vida e proposta política sustentável e solidária, alternativa ao modelo de desenvolvimento hegemônico capitalista, patriarcal e neoliberal, que devasta os nossos sistemas alimentares, nosso meio ambiente, cultura, saberes e conhecimentos ancestrais e adquiridos. Além disso, desde a Aliança construímos propostas articuladas que surgem dos nossos territórios e as levamos às instâncias de diálogo e incidência regional e glo-

bal. Para isso, também fazemos uma chamada para ampliar as nossas vozes com outros setores e movimentos emergentes.

A luta pela Soberania Alimentar como princípio, direito e dever construído pelos povos, tornou-se uma proposta sólida para o desenvolvimento dos nossos territórios e comunidades, contando com apoio internacional de organismos, organizações e movimentos sociais, graças aos esforços coletivos das nossas organizações e às lideranças fortes dos nossos movimentos.

[Nós seguimos alimentando os povos, garantindo a soberania com a agroecologia, oferecendo respostas verdadeiras à fome, à desnutrição e às crises climáticas desde os territórios.](#) Por isso, na Aliança denunciaremos a captura corporativa dos nossos estados

GRUPOS DE TRABAJO

GRUPOS DE TRABALHO GLOBAL

Terra, território, água e florestas

Agroecologia

Juventude

Povos Indígenas e territórios

Pesca e colheita artesanal

Treinamento coletivo

Mulheres diversidade de gênero

REGIONAL

Mulheres e feminismo

Povos Indígenas

Biodiversidade etno-social

Saúde ancestral e socioambiental

Novas economias

Direitos humanos

Justiça climática e ambiental

Coletivo de comunicação

Grupo operacional de jovens

ASSEMBLÉIA

Autoridade máxima

Reúne-se a cada dois anos

COMITÊ DE COORDENAÇÃO ORIENTAÇÃO DE POLÍTICA ESTRATÉGICA

Um representante e um suplente por organização

Reúne-se duas vezes por ano pessoalmente

GRUPO OPERACIONAL GERENCIAMENTO POLÍTICO-OPERACIONAL

Representantes de 7 organizações

SECRETARIA TÉCNICA

Apoio técnico e político à gestão do Comitê de Coordenação.

Coordena a gestão administrativa e financeira

Supervisiona e articula as comunicações dentro e fora da Aliança

GRUPO DE SUPORTE

SISTEMATIZAÇÃO
PESQUISA
FACILITAÇÃO
ONGS

MSCPI

GRUPOS DE TRABALHO

e dos organismos internacionais que só oferecem soluções falsas e priorizam o agronegócio e a indústria alimentar.

Embora um dos pilares da nossa Aliança seja o reconhecimento da opressão do sistema patriarcal, ainda temos um longo caminho a percorrer, uma vez que é necessário que nós, mulheres, em toda a nossa diversidade, tenhamos visibilidade, protagonismo e uma escuta ativa, bem como reconhecimento como sujeitas políticas necessárias para essas transformações. Acreditamos que chegou o momento de dialogar e refletir sobre as condições em que ocorre a participação e liderança das mulheres, especialmente as jovens, nos nossos espaços.

Por isso, a escola é um espaço de formação política e de intercâmbio intergeracional, que, além de contribuir com o fortalecimento de capacidades para a defesa dos nossos direitos, permite enfrentar os novos desafios com estratégias coletivas e inclusivas, a partir de processos transformadores nos nossos territórios, organizações e perante os estados.

A diversidade de nosso ser “Aliança” e nosso ser “Mulher” é a riqueza e a fortaleza das quais partimos. E a Escola, em sua primeira expressão, nos ofereceu pistas e ferramentas para nos integrarmos interculturalmente e, juntas, avançarmos.

REFERÊNCIAS



TERCEIRA
CONFERÊNCIA
ESPECIAL DOS
MOVIMENTOS SOCIAIS
PELA SOBERANIA
ALIMENTAR.

Nasce a Alianza
(março 2012)



ASSEMBLEIA
CONSTITUTIVA DA
ALIANZA

(julho 2013)



DECLARAÇÃO DA
ALIANZA SOBRE
O INVESTIMENTO
AGRÍCOLA
(fevereiro 2014)

A TRAJETÓRIA DA ESCOLA

O percurso da Escola de Mulheres e Jovens Mulheres Defensoras da Soberania Alimentar “Semeadoras de Vida e Resistência” começa com a formação de uma equipe de coordenação pedagógica composta por companheiras do Grupo de Trabalho de Mulheres e Feminismos da Aliança.

Como equipe, tivemos reuniões periódicas para definir a metodologia da escola e, a partir da diversidade de perspectivas que trazíamos, sempre tivemos nítido o sonho coletivo de contar com um espaço para a formação política das integrantes da Aliança. O objetivo da Escola foi fortalecer um grupo de mulheres e jovens mulheres integrantes da Aliança por meio de um processo de construção coletiva da agenda da Soberania Alimentar para fortalecer sua participação em seus espaços organizativos e de incidência como estratégia política.

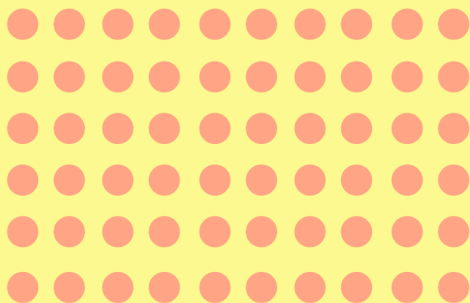
Da mesma forma, um dos objetivos específicos foi promover a troca de saberes, entrelaçar a formação com seu trabalho organizativo, compartilhar ferramentas para a luta, promover sua participação e liderança na to-

mada de decisões e fortalecer a luta feminista com uma perspectiva agroecológica.

[Baseamo-nos nos enfoques da soberania alimentar, agroecologia, educação popular, troca de saberes, direitos humanos, perspectiva de gênero, interculturalidade, diálogo intergeracional, cuidado e autocuidado coletivo, espiritualidade, interseccionalidade, feminismo e luta antirracista.](#)

Estes enfoques e práticas foram as raízes de todo o processo e orientaram o trabalho em cada uma das sessões.

Tínhamos convicção de que a escola deveria ter uma representatividade dos setores que integram a Aliança, então participaram mulheres e jovens mulheres rurais, agricultoras familiares, indígenas, pescadoras artesa-



60 MULHERES
CADASTRADAS
DE TODO O
CONTINENTE



30 MULHERES
JOVENS

**SETORES
PARTICIPANTES:**

MULHERES RURAIS,
AGRICULTORAS
FAMILIARES,
INDÍGENAS,
PESCADORAS
ARTESANAIS,
TRABALHADORAS
RURAIS, PRODUTORAS,
MILITANTES DOS
MOVIMENTOS
AGROECOLÓGICOS
E FEMINISTAS

**8 SESSÕES
ONLINE**

DE 3 H
DE JUNHO A
OUTUBRO 2023

**3 DIAS
DE ENCONTRO
PRESENCIAL**

NOVEMBRO 2023
NA COLÔMBIA

3 IDIOMAS DE TRABALHO: ESPANHOL, INGLÊS E PORTUGUÊS

nais, trabalhadoras rurais, produtoras, militantes dos movimentos agroecológicos e feministas, entre outras. Definimos que o espaço de formação seria destinado a companheiras de base, com trabalho comunitário, que não tivessem tido a oportunidade de participar de cursos semelhantes e com nenhuma ou pouca experiência de incidência a nível nacional ou regional; e, sobretudo, mulheres comprometidas em aprender de forma coletiva. Também foi considerada e respeitada a diversidade de idiomas, na busca por construir formas de nos conectar.

[A escola se desenvolveu em dois momentos: um ciclo de sessões virtuais e um encontro presencial.](#)

No trabalho virtual, foram realizadas 8 sessões através da plataforma Zoom, com serviços de interpretação, totalizando 24 horas de trabalho virtual. Foram utilizados diversos recursos didáticos e técnicas grupais, como trabalho em grupos, vídeos, participação de palestrantes, glossários colaborativos, ferramentas da web como o Mentimeter, entre outros. A expectativa inicial era formar um grupo de 45 participantes, no final tivemos a inscrição de 60 mulheres e a participação foi mantida durante todo o processo virtual, com cerca de 40 e 50 participantes.

Podemos dizer que o processo virtual se destacou pelo seguinte:



[Trabalho de encerramento individual das sessões on-line da escola \(Outubro de 2023\)](#)

- Espaço aberto, plural e com uma diversidade de pensamentos e sentimentos;
- Participação e representatividade de diferentes gerações de mulheres, destacando o papel das jovens mulheres;
- Promoção do diálogo intergeracional e intercultural;
- A importância de serem escutadas, se fazer ouvir e se sentir valorizadas;
- Recuperar e dar importância às experiências individuais, organizativas e coletivas;
- A aprendizagem coletiva como método essencial do processo de formação;
- A espiritualidade, a mística e o cuidado coletivo estiveram presentes em todo o processo;
- A utilização de diversos recursos didáticos mobilizou a reflexão;
- Presença ativa das participantes apesar das lacunas digitais, como os problemas de conectividade.

Os temas das sessões virtuais foram:

1) Feminismo, Agroecologia e Soberania Alimentar;

2) Direitos humanos e violências: como fazer a defesa da soberania alimentar e dos direitos humanos nos espaços organizativos e/ou comunitários?;

3) A participação política das mul-

heres e mulheres jovens: os desafios nos nossos espaços coletivos mistos;

4) A incidência dentro e fora das organizações e/ou comunidades;

5) A importância de construir uma liderança intergeracional a partir das experiências e lutas das mulheres e jovens mulheres;

6) Economia feminista e Soberania Alimentar.

Cada sessão teve objetivos específicos e utilizou diferentes técnicas e recursos didáticos.

Parte do sonho era transcender a virtualidade e concretizar um encontro presencial onde pudessemos nos ver e nos apoiar mutuamente. Devido aos fundos limitados, foram escolhidos critérios que nos permitiram criar uma lista representativa e que valorizasse a riqueza da composição das redes integrantes da Aliança para o encontro presencial.

O encontro presencial ocorreu no Instituto Agroecológico Latino-Americano “Maria Cano” em Viotá, departamento de Cundinamarca, Colômbia, nos dias 4 a 7 de novembro de 2023.



A agenda do encontro presencial começou com uma análise conjuntural das nossas lutas como integrantes de organizações e, ao mesmo tempo, como mulheres militantes ou defensoras da soberania alimentar. Da mesma forma, foram retomados e aprofundados os eixos temáticos de visibilização e as ações diante das violências de gênero que enfrentamos como lideranças feministas de processos coletivos, através da economia feminista e indígena, com um papel fundamental do trabalho de incidência política.

Os destaques do encontro presencial foram:

- Encontrar-nos, olhar-nos e conectar-nos fisicamente, criando um espaço de harmonia para a troca e a aprendizagem coletiva;
- Sentir-nos apoiadas nos nossos processos organizativos ou comunitários;
- Externar as nossas dores e dificuldades como uma forma de cura;
- Reconhecimento e valorização das experiências e saberes de cada uma, o que contribuiu para o aprendizado coletivo;
- Protagonismo das jovens como símbolo de continuidade da luta organizativa;

O trabalho em grupo como ferramenta para identificar as semelhanças;

O diálogo e a capacidade de ouvir como símbolo da construção coletiva.

Então, como seguimos com este espaço? Pretendemos continuar com outras experiências formativas para fortalecer o nosso espaço de mulheres defensoras da alimentação, dos povos, das mulheres e dos territórios.

A escola representou uma soma de esforços para ter um espaço próprio e, como em qualquer processo, enfrentamos desafios. Investir no fortalecimento da liderança e participação das mulheres e jovens integrantes da Aliança é uma aposta política que beneficia as comunidades e redes.

E é indispensável que nos encontremos na incidência e interlocução com governos, agências das Nações Unidas e outros atores e atrizes para o desenho de políticas que garantam a soberania alimentar com perspectiva de gênero e feminista. Não será atingida a Soberania Alimentar sem a liderança e a representação das mulheres e das jovens, portanto, a nossa participação deve ser plena, livre de violência e discriminação.

CAPÍTULOS TEMÁTICOS

OBSERVAÇÃO METODOLÓGICA

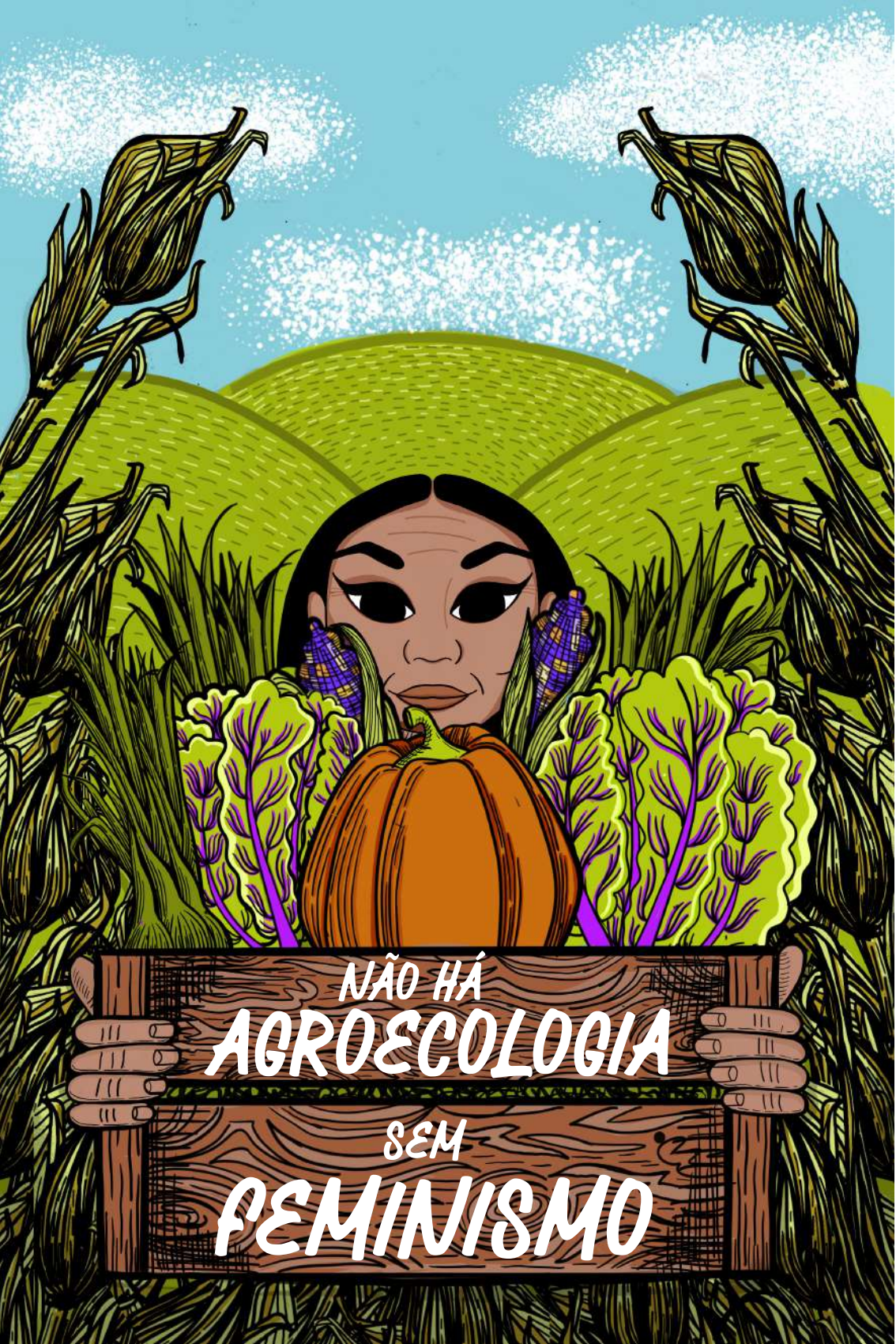
Nosso desejo com esta publicação é reunir toda a riqueza do percurso pedagógico da primeira edição da Escola Política para Mulheres e Jovens Defensoras da Soberania Alimentar “Semeadoras de Vida e Resistência” de 2023.

Na próxima parte, você encontrará os diferentes eixos temáticos abordados ao longo dos meses de formação. A ideia é que esta publicação seja uma ferramenta que cada uma de nós possa usar para realizar uma, algumas ou todas as sessões de formação que estão aqui apresentadas com as mulheres de sua organização e/ou comunidade.

Cada capítulo temático conta com uma introdução que contextualiza o tema, apresenta propostas metodológicas para trabalhar o tema em grupo além de uma lista de recursos e bibliografia para aprofundar o conhecimento.

Também quisemos fornecer os resultados obtidos nas nossas sessões de formação, pois sobre os temas que impactam as nossas vidas, todas somos especialistas.

Esperamos que aproveitem o processo!



NÃO HÁ
AGROECOLOGIA
SEM
FEMINISMO

Capítulo 1

FEMINISMO, AGROECOLOGIA E SOBERANIA ALIMENTAR

Os corpos, as vidas e as perspectivas das mulheres são centrais para construir uma proposta política transformadora do atual sistema neoliberal de produção e consumo de alimentos, que, com muita frequência, gera violência contra as mulheres.

A agroecologia como modo de vida e proposta política sustentável e solidária, nos permite, às mulheres, conseguir ressignificar o nosso papel na produção de alimentos, com o objetivo de superar a separação entre a produção de alimentos e a reprodução da vida, deixando evidente e visível a nossa força e contribuição, e buscando a distribuição das tarefas de cuidado.

É urgente reconhecer que as mulheres estão construindo e criando agroecologia nas suas práticas cotidianas: resistem ao modelo predador do capitalismo agrário; preservam e multiplicam as sementes nativas; protegem e compartilham saberes e conhecimentos ancestrais; produzem alimentos saudáveis e diversificados sem agrotóxicos; criam

raças de animais locais e nativos; promovem a preservação da biodiversidade local e realizam atividades de pesca artesanal ao mesmo tempo que protegem rios, lagos, mares, florestas e terras.

A agroecologia é uma aposta de transformação das relações entre os seres humanos e entre os seres humanos e a natureza, colocando a vida no centro. As práticas agroecológicas também devem estar relacionadas à autonomia feminina e à construção de uma participação igualitária entre homens e mulheres, incorporando o respeito, o cuidado, a solidariedade e a responsabilidade compartilhada.



IALA Maria Cano, Viotá - Distrito de Cundinamarca, Colômbia
(Novembro de 2023)

No cruzamento entre a agroecologia e os feminismos, as mulheres, em toda a nossa diversidade, construímos uma identidade coletiva como sujeitas de direitos, direitos estes que tem nos sido negados historicamente.

A agroecologia, com a perspectiva feminista, põe no centro dos sistemas alimentares a vida, os cuidados e as relações de respeito mútuo.

A luta feminista e agroecológica são elementos fundamentais para a realização da soberania alimentar dos povos e o direito a uma alimentação e nutrição adequadas. A necessidade urgente de políticas públicas que apoiem a produção e o consumo agroecológicos também está conec-

tada à necessidade urgente de atingir uma despatriarcalização do Estado e das próprias políticas públicas.

Por último, é importante valorizar e reconhecer a importância de um feminismo agroecológico, comunitário e indígena que permita coletivizar os cuidados, a vida e os bens comuns, transformando as relações de poder que hoje nos oprimem em relações de autodeterminação e liberdade. Pela soberania alimentar, dos corpos e dos territórios!

**SEM FEMINISMO
NÃO HÁ
AGROECOLOGIA!**

PALAVRAS-CHAVE
QUE SURTIERON DE
NUESTRA SESIÓN:

Empoderamento,
Aprendizagem,
Resistência,
Presença, Força,
Resiliência, Amor,
Admiração, Respeito,
Alegria, Autonomia,
Reconhecimento,
Resistência, Igualdade,
Coletividade,
Comunidade,
Solidariedade

A luta é
coletiva.

PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO SOBRE A TEMÁTICA

“O feminismo é uma construção do pensamento teórico de mulheres de outros territórios que não são originários, mas ao mesmo tempo é um convite para repensarmos a vida e sentir as indignações desde outro lugar, e ter a oportunidade de revelar opressões históricas e estruturais nas formas de vida comunitárias e indígenas. Te convoca a tecer a rede da vida a partir de outros lugares.”

LORENA CABNAL

“Podemos dizer que a agroecologia e o feminismo são um processo ativo de construção de identidade e força que se contrapõe ao patriarcado e ao capitalismo.

LILIAM TELLES

“Nós temos usado a palavra feminismo, mas também não temos certeza se é a única forma de lutar, existem muitas lutas das mulheres que são importantes. Nós temos dito que vamos ser feministas, baseadas nas memórias de nossas ancestrais, avós e mães.”

ADRIANA GUZMÁN

1) Imprimam ou escrevam as três citações encontradas abaixo em um papel.

2) Formem três grupos de trabalho com as participantes.

3) Cada grupo receberá uma das citações. Cada grupo terá 30 minutos para debater a partir das citações, sobre por que a agroecologia é uma aposta política fundamental para as mulheres e a soberania alimentar.

4) Após os 30 minutos, os grupos podem se reunir novamente em uma plenária e discutir os resultados das suas reflexões!

RECURSOS



FEMINISTA SEMPRE. FEMINISMOS DIVERSOS: O FEMINISMO COMUNITÁRIO.
Lorena Cabnal
(Guatemala)



SARANDO O NOSSO TERRITÓRIO, CORPO - TERRA.
Entrevista vídeo à Lorena Cabnal
(Guatemala)



ENTREVISTA VÍDEO À DOMITILA CHUNGARA
Comitê de donas de casa do distrito mineiro Século XX
(Bolívia)



VIDEO AGROECOLOGIA FEMINISTA.
Agroecology Now!
y Universidad de Coventry



AGROECOLOGÍA E FEMINISMO.
Apresentação da Liliam Telles



A PACHAMAMA DESDE O FEMINISMO.
Por Adriana Guzmán Arroyo
(Bolívia)



SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA.
Contribuição e documento de perspectiva do Grupo de Trabalho de Mulheres e Diversidades do Mecanismo da Sociedade Civil e Povos Indígenas

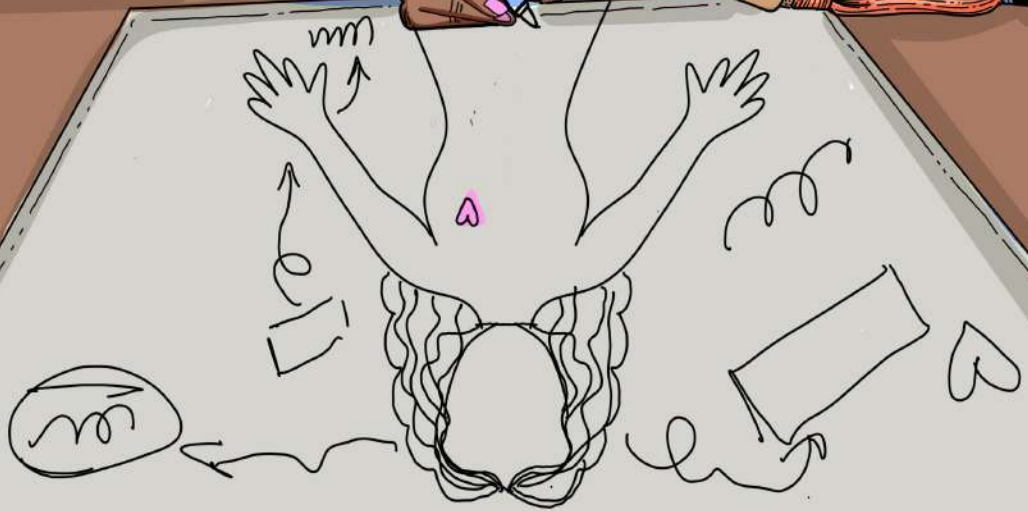


MULHERES DO VALE DO RIBEIRA. SEMEANDO AGROECOLOGIA, SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL.
Liliam Telles, Vanessa Schottz, Camila Alvarenga, Sheyla Saori Yusuka (Brasil)

¡Ni las mujeres
Ni la tierra
Somos
territorio de
conquista!

¡VIVA LA
WCHA
FEMINISTA!

NI UNA
MENOS



Capítulo 2

DIREITOS HUMANOS E VIOLÊNCIAS:

Como defender a soberania alimentar e os direitos humanos nos espaços organizacionais e/ou comunitários?

A defesa da soberania alimentar e dos direitos humanos está ameaçada pelas diversas violências sistêmicas que vivenciamos. Dizemos que são violências sistêmicas, porque não são eventos isolados ou problemas de uma pessoa ou grupo, mas são sustentadas por um sistema de opressão patriarcal, racista e capitalista. Este sistema está baseado em diferenças sociais de classe, raça, etnia, sexo, gênero, geração e outras, onde aqueles que têm mais poder transformam essas diferenças em desigualdades, a seu favor. Eles também se beneficiam de outros tipos de diferenças, marginalizando grandes segmentos da população. Este sistema divide tudo em duas categorias: os poderosos que

têm privilégios versus os/as oprimidos/as que têm acesso e uso limitados dos bens disponíveis. No entanto, aqueles que estão no poder precisam de todos/as os/as outros/as para manter esse poder.

Vamos analisar um dos sistemas de assimetria: o patriarcado.

O patriarcado é um sistema baseado nas diferenças sociais de sexo e gênero, ou seja, quem é e se considera homem tem mais poder e privilégios.

É o sistema no qual há uma grande naturalização de crenças, valores, formas de relacionamen-



Trabalho em grupo. IALA Maria Cano, Viotà, Colômbia.
(Novembro de 2023)

to, violências e discriminações vivenciadas pela humanidade e pela natureza, pautado nas relações desiguais de gênero, podendo ser visto como o sistema de dominação mais antigo. Para conseguir sustentar o patriarcado, é necessário sustentar a opressão, e isso só é possível através da violência, por isso dizemos que o patriarcado é gerador de violências que recaem principalmente sobre os corpos e a vida das mulheres. Neste sistema de opressão, os homens têm que provar que “são homens”,

estão sendo testados, têm que conquistar e ser poderosos para serem considerados homens, “machos”. E as mulheres estão sempre sob suspeita, somos as provocadoras, as que não nos adaptamos a esses mecanismos ou vistas como as vítimas. Temos que provar a nossa inocência, explicar as nossas condutas, desconstruir esse olhar que nos julga, nos critica, o que é um esforço que fazemos quase sem perceber.

Nós queremos reverter esse estereótipo, porque longe de sermos vítimas, nós, mulheres, somos sujeitas de direitos poderosas e capazes e, juntas, abrimos espaços para nossas vozes, demandas e desejos.



PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO SOBRE O TEMA

Propusemos algumas atividades para refletir sobre essas violências e resistências que as mulheres enfrentam nas nossas vidas, especialmente nas nossas lutas pela soberania alimentar.

1. **REFLEXÕES DE MULHERES INDÍGENAS DIANTE DO PATRIARCADO**



O PATRIARCADO COMO SISTEMA DE TODAS AS OPRESSÕES, VIOLÊNCIAS E DISCRIMINAÇÕES NA EXPERIÊNCIA E VISÃO Por Adriana Guzmán

Depois de assistir ao vídeo, compartilhamos em círculo nossas percepções, baseadas nas nossas experiências. Aqui estão algumas perguntas orientadoras que podemos compartilhar:

- Como o patriarcado afeta as mulheres e em quais situações das nossas vidas nos sentimos discriminadas, maltratadas, não ouvidas, invisibilizadas, sobrecarregadas nas nossas tarefas?
- Como o patriarcado afeta os nossos corpos, nossas famílias, nossas comunidades, nossas organizações?
- Como resistimos à opressão do patriarcado? Como nos fortalecemos?
- Quais ações tomamos em nossas vidas, em nossas famílias, em nossas comunidades, em nossas organizações que nos ajudam a ampliar nossos graus de liberdade na vida cotidiana?

2. **COMPARTILHANDO AS NOSSAS FORTALEZAS DIANTE ÀS VIOLÊNCIAS SISTÊMICAS**

No encontro presencial da Escola “Semeadoras de Vida e Resistência”, numa jornada poderosa, as mulheres presentes compartilhamos as nossas fortalezas diante das situações de violência sistêmica que conseguimos enfrentar, e assim como a água que cresce quando se junta, crescemos com toda a força que cada uma de nós soube colocar no jogo. Compartilhamos com vocês alguns dos recursos ou forças que utilizamos para enfrentar e reconhecer as violências sistêmicas:

F. Força FÍSICA

É a capacidade de usar o nosso corpo. Inclui as sensações: o que ouvimos, cheiramos, vemos ou provamos. Os movimentos: tentativas de usar força, atividade física e superar dificuldades físicas.

E. Força ESPIRITUAL

É a capacidade de nos sustentarmos e nos fortalecermos nas nossas crenças espirituais, em Deus, na Pachamama, nas outras pessoas ou em nós mesmas. É poder conectar-se com o sagrado que tem dentro de nós, e assim nutrirmos a confiança e a esperança.

E. Força EMOCIONAL

Tem a ver com nossa capacidade de perceber o que sentimos, nomear os nossos sentimentos, amor, ódio, medo, coragem, luto, alegria, etc., e conseguirmos formas de expressá-los aos/às outros/as.

N. Força do NÚCLEO SOCIAL

Quando podemos apoiar/ ajudar aos/às outros/as e, ao mesmo tempo, pedir ajuda e se deixar sustentar pelos/as outros/as, nos permite sentir a força do nosso núcleo social: nossa família, amigos/as, comunidade, grupo local, profissionais etc.

M. Força MENTAL

É a capacidade de pensar de forma lógica e racional, avaliar riscos, aprender, planejar, procurar novas estratégias, analisar e resolver problemas.

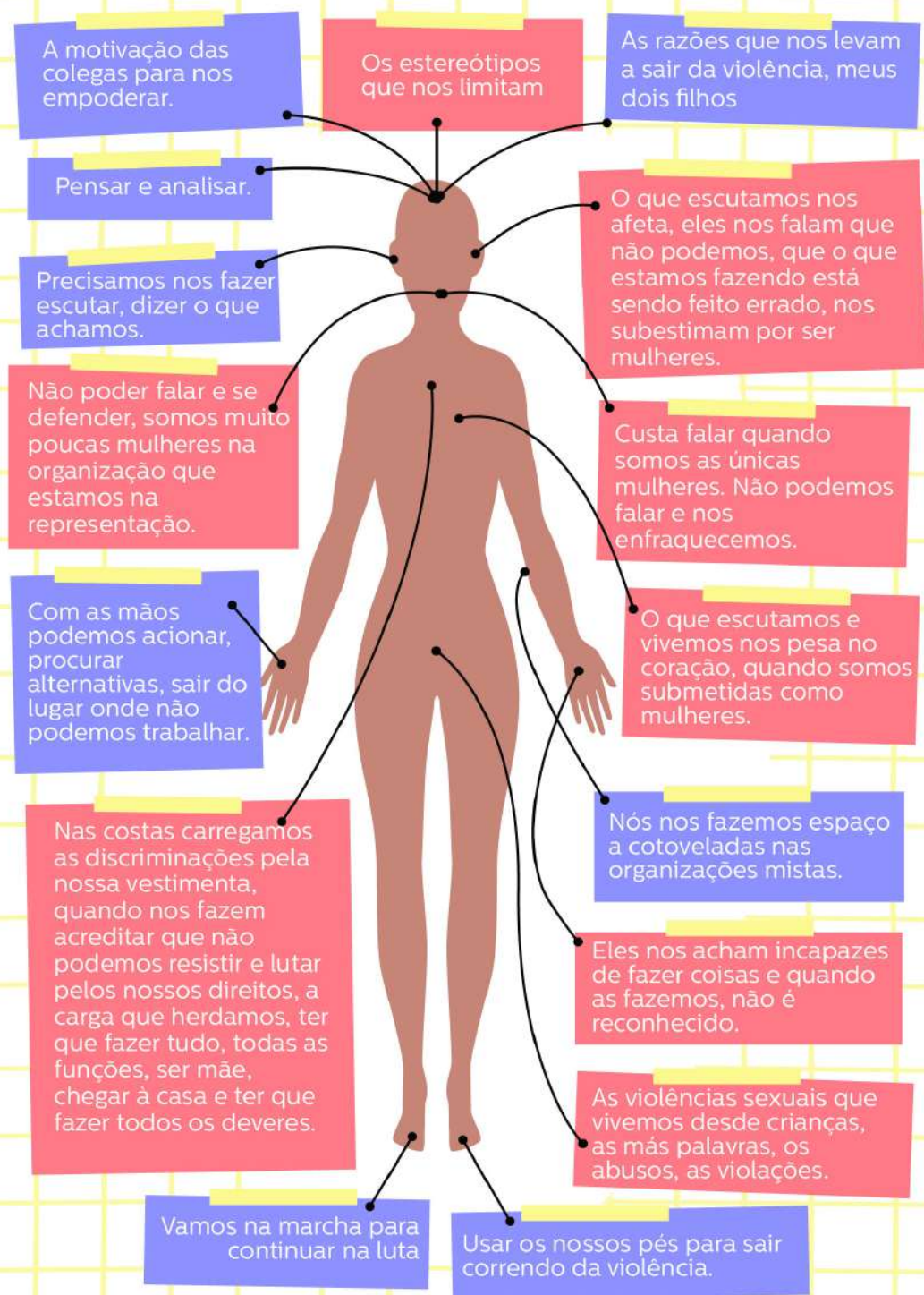
I. Força da IMAGINAÇÃO

É a alma da criatividade. Nos permite sonhar, intuir, ser flexíveis, mudar, procurar soluções na nossa imaginação, achar novas maneiras de enfrentar situações de angústia e transformar realidades.

Durante o encontro, reconhecemos que temos todas essas fortalezas, percebemos quais delas utilizamos mais, quais temos dificuldade de usar, abrimos os nossos corações para compartilhar as nossas experiências e escutar as das nossas companheiras. Gostaria de adicionar mais alguma que dê para incluir? Aconselhamos que continuem nessa reflexão com as outras mulheres.

3. METODOLOGIA CORPO-TERRITÓRIO:

Convidamos cada pessoa a fazer um desenho do seu corpo e a desenhar - com uma cor diferente- como o patriarcado lhe afeta, em que parte do corpo sente esse impacto, e o que sente lá. Em seguida, que cada uma desenhe no corpo, com outra cor, em qual parte sente que se liberta e resiste às opressões, se sente forte, poderosa, livre. Em seguida, sugerimos compartilhar em grupo o que cada uma fez nos seus desenhos e a construir coletivamente em um corpo todas as formas como o patriarcado nos afeta e todas as formas como resistimos, nos libertamos e nos fortalecemos.





Trabalho sobre o corpo e violência de gênero

RECURSOS

Aqui estão outras fontes para que você amplie os recursos que te permitam trabalhar esses temas:



**CARTILHA DE
METODOLOGIAS -
FEMINISMO RURAL
E POPULAR**



ABECEDÁRIO PARA SAIR JUNTAS DA VIOLÊNCIA

A

Avancemos, pois nada é eterno. Abrimos portas. Avós, ancestrais: Obrigada. Apoio. Abraços. Acompanhamento para continuarmos abraçando o nosso processo. Agradecimento. Abrir carapaças. Amar a nós mesmas.

.....

B

Bola de velhas. Beleza

.....

C

Nos cuidar. Compartilhar. Comunidade. Coletivo. Coração. Crer nas nossas intuições. Carinho. Conviver. Fazer Comida. Confiar as vezes é difícil. Calma. Condições loucas e daí?

.....

D

Direito de chorar. Deixar de lado os tabus. Desejar e sentir prazer. Dor. Luto. Dar. Direito de decidir. Desarmar. Depois da tempestade, o arco-íris.

E

Explorar, escutar-nos para sarar. Se empolgar. Entender-nos. Espaço: o que precisamos. Nos empoderar. Escapar para construir minha autonomia. Estudar para ser livre. Espelho: ver nosso reflexo para nos dizer que sim, valemos muito. Estou aqui. Existo. Enfrento.

.....

F

Felizes. Força. Família que desejamos. A família que escolhemos. Força de vontade, a minha.

.....

G

Gerar espaço.

.....

H

Irmã, eu acredito em você. Irmã, você não está sozinha. Fazer boas estratégias. Filhas. Fazer com o coração.

.....

I

A troca me preenche. Lindas vestimentas, as que carrego.

.....

L

Libélulas. Livres: o que eu sou, o que eu faço, que eu penso faz sentido. Nós queremos tudo.

LL

Chorar um dia inteiro. Um minuto. Ou muito mais. A esperança chega.

.....

M

Máscaras que se usam. Máscaras que caem. Melhorar. Motivar. Olhar, o meu, o nosso, para imaginar. Mulheres. Medo que eu supero. Manter-nos firmes. Mamãe. Merecemos mudar.

.....

N

Nós. Natureza.

.....

O

Organizarmos.

.....

P

Processar. Perdoar. Pôr em prática. Portas de liberdade.

.....

Q

Quero ser alguém. O que nos motiva? Que bonito é conhecer às minhas irmãs indígenas! Quero o que eu quero, quando quero, como quero e com quem quero.

R

Rede. Resistência. Resiliência. Resolver. Reivindico coletividade.

.....

S

Somos sobreviventes. Sustentamos. Somos fortes. Sacudimos. Saramos. Sentir. Eu sinto. Você sente. Ela sente. Nós sentimos. A gente supera. Superamos para sorrir sem medo.

T

Teus olhos sempre os carrego comigo. Tecer laços. Transformar a dor em luta. Transformar o sistema, o conflito, o mundo. Tempo para ser forte. Tempo para se encontrar. Tempo para ser eu.

.....

U

União.

.....

V

Voz para quebrar o silêncio. Voz, porque vou falar. Vínculos. Valentia.

.....

Y

Agora coloco minha força porque estamos juntas.



A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES E DAS JOVENS MULHERES: OS DESAFIOS NOS NOSSOS ESPAÇOS COLETIVOS MISTOS

“As mulheres somos como a água: quando nos juntamos, crescemos”
(Ailin)

ABORDAGENS DA SESSÃO

A participação real das mulheres nos espaços coletivos mistos tem muitos obstáculos e desafios. Muitas vezes, nós não estamos presentes nos espaços de tomada de decisão, em posições de liderança, em atividades de incidência e as nossas vozes não são levadas em consideração.

É importante reconhecer que a participação política das mulheres e das jovens tem diferentes expressões, não apenas no âmbito eleitoral, mas também no trabalho diário que realizam em seus espaços, como na escola, nas organizações, entidades e movimentos, no campo, na co-

munidade, entre outros. Sabemos que não é fácil garantir e visibilizar a nossa participação, especialmente para as mulheres jovens, indígenas, negras, afro-descendentes e rurais.

Os papéis de gênero impostos pelo patriarcado, que impõem e não distribuem as tarefas de cuidado, impedem a participação plena das mulheres.

Os obstáculos à participação estão tanto em nossas casas quanto nos espaços mistos das nossas organizações e comunidades. Participar muitas vezes significa



Participantes da reunião presencial da escola. IALA Maria Cano, Viotá, Colômbia (novembro de 2023)

Não queremos ser um adereço sem voz. A equidade e a igualdade não são decorações nem se resolvem com números. Têm de partir de uma verdadeira redistribuição de poder dentro das organizações, das instituições e da sociedade.

também nos expor a maiores discriminações, sermos infantilizadas e desqualificadas.

Por isso, é muito importante que se construam condições para a nossa participação. Nesse sentido, duas ferramentas são muito importantes:

1. As escolas de formação política para mulheres para nos capacitar, construir conhecimento e criar condições para a nossa participação. Contar com espaços específicos de mulheres dentro de nossas organizações e comunidades mistas com uma abordagem interseccional e intercultural.

Espaços nossos para coordenar, articular e decidir a nossa agenda para tecer a nossa união, a confiança, o apoio mútuo e a solidariedade.

É muito importante que as organizações mistas iniciem um processo de despatriarcalização. Essa responsabilidade é compartilhada e não pode recair apenas nas costas das mulheres. É fundamental criar espaços de participação mais seguros para as mulheres, livres de assédio, discriminação e violência de gênero. É importante que esses temas possam ser discutidos e abordados dentro das organizações.

Não queremos ser apenas um adorno sem voz. A equidade e a igualdade não são enfeites e não são resolvidas apenas com números. Elas devem surgir de uma redistribuição real do poder dentro das organizações, instituições e sociedade.

O objetivo desta sessão foi analisar os desafios nos espaços mistos e nomear nossas propostas para impulsionar a nossa participação política. Inicialmente, discutimos sobre os desafios nos espaços mistos:

- Definição e clareza do posicionamento coletivo das mulheres nos espaços mistos. A necessidade de fortalecimento pessoal, bem como a caracterização das violências e barreiras na participação das mulheres, considerando a interseccionalidade e a interculturalidade;
- Efetividade da paridade na representatividade dos espaços. As mulheres e as juventudes não são preenchimentos que os homens possam utilizar;
- Alternância dos gêneros nas vagas públicas e inclusão da perspectiva de gênero para aqueles/as que ocupam tais cargos;
- As problemáticas e agendas das mulheres não são integradas e assumidas nos processos organizativos mistos e nas lutas sociais;
- A necessidade de ter protocolos e mecanismos de resolução de conflitos que envolvam as mulheres dentro das organizações mistas;
- Estamos absorvidas em múltiplas tarefas, a logística e o cuidado dentro das organizações, que não devem recair apenas nas mulheres;
- Falta uma participação justa nas reuniões, por exemplo, na hora de falar, os homens monopolizam o tempo e o nosso é encurtado;
- Nossa situação econômica não deve ser um impedimento para nossa plena participação;
- Constantemente é exigido das mulheres e jovens que demonstremos capacidade de liderança, com nossas formações e habilidades questionadas;
- Identificar as práticas machistas nos diferentes âmbitos e níveis de participação (familiar, comunitário, organizacional, nacional etc.).

Diante esses desafios, quais propostas/ações são necessárias?

- Espaços de formação para nós e outras companheiras, com o nosso posicionamento político coletivo como mulheres;
- Ouvir a voz das mulheres e alternar a representação de forma paritária nas organizações;

- Democratizar a tomada de decisões, o acesso às informações e a transparência dos recursos dentro das organizações;
- Discutir a economia do cuidado dentro das organizações, a distribuição justa das responsabilidades para que possamos acessar cargos de liderança. Acesso igualitário aos recursos da organização;
- Empoderamento econômico para nos deslocarmos para reuniões e termos condições de atender ao trabalho organizacional;
- Apoiarmo-nos mutuamente, sermos coletivas e aprender entre nós mulheres e jovens;
- Uma aplicação real e efetiva da paridade nos nossos países e organizações;
- Que as nossas colocações transcendam, que não fiquem apenas em boas intenções;
- Desconstrução do poder patriarcal e como construímos uma outra lógica de poder a partir das mulheres. A arte de negociar entre nós e com os homens.
- Desromantizar às organizações e os nossos relacionamentos dentro delas. Contar com mecanismos de atenção à violência e assédio sexual contra mulheres e jovens.

RECURSOS



**SEMPREVIVAS :
ESPAÇOS NÃO
MISTOS**



**FOFOCAS DE COZINHA
AFETO E POLÍTICA NA MESA**



**A SOCIEDADE
DO CUIDADO:
HORIZONTE PARA
UMA RECUPERAÇÃO
SUSTENTÁVEL COM
IGUALDADE DE
GÊNERO, CEPAL
2022**



**GUIA DE
LIDERANÇA PARA
A PARTICIPAÇÃO
POLÍTICA DAS
MULHERES NO
MBITO LOCAL, CIDH
2007**

METODOLOGIAS E TÉCNICAS DE GRUPO QUE VOCÊ PODE USAR

TRABALHO GRUPAL

Encorajamos vocês a organizar seu encontro de mulheres não misto para poderem nomear coletivamente

Quais são os desafios que

- impedem a participação plena das mulheres?

Quais ferramentas podemos utilizar para superar esses desafios?

-

Quais são os objetivos do

- nosso espaço de mulheres não misto?

O que precisamos para

- construir um espaço seguro em organizações mistas?

PROTOCOLO DE CUIDADOS NA ORGANIZAÇÃO

Identificar dentro das organizações pessoas que possam contribuir e impulsionar um protocolo de cuidado organizacional com uma perspectiva de gênero e feminista.

Encontrar espaços de reunião e definição do conteúdo do protocolo de cuidados organizacionais que possam promover a democratização da participação para alcançar a igualdade e resolver situações de assédio, violência e discriminação contra mulheres e jovens que participem das organizações.



Capítulo 4

A INCIDÊNCIA NO INTERIOR E EXTERIOR DAS ORGANIZAÇÕES E/OU COMUNIDADES

A incidência é uma das ferramentas fundamentais na luta feminista pela soberania alimentar. Permite-nos visibilizar e colocar na agenda os temas que são relevantes para as nossas vidas, aqueles que são estratégicos para as nossas organizações e vitais para nossas comunidades e territórios.

A incidência é uma das ferramentas fundamentais na luta feminista pela soberania alimentar. Permite-nos visibilizar e colocar na agenda os temas que são relevantes para as nossas vidas, aqueles que são estratégicos para as nossas organizações e vitais para nossas comunidades e territórios.

Incidimos quando deixamos uma marca e quando plantamos uma semente. Incidir nos permite abordar as relações de poder que nos impactam como mulheres indígenas, rurais, trabalhadoras do campo, jovens, rurais, ne-

gras, afrodescendentes, em toda a nossa diversidade.

Mas o que precisamos para incidir? Desde quais perspectivas podemos incidir?

Podemos falar em incidência a partir de três perspectivas: a perspectiva comunitária e local; a perspectiva regional e a perspectiva global.

[Em todos os casos, a construção de redes e alianças nos ajuda a ampliar nossas lutas e ações de incidência, seja com](#)



[Trabalho de advocacy na sessão presencial da escola. IALA, Maria Cano, Viotá \(Colômbia\), novembro de 2023.](#)

[uma prefeitura ou autoridade local, em nível de América Latina e do Caribe ou em nível internacional](#)

Por exemplo, nos espaços de governança alimentar das Nações Unidas.

Para realizar um processo de incidência em um desses três níveis, precisamos identificar as seguintes diretrizes e pensar um roteiro para esse processo:

O QUE: Nos reunimos, trocamos ideias, saberes, experiências, lutas e decidimos coletivamente o que queremos mudar (Exemplo: Lei de libera o uso dos transgênicos). Decidimos como nos comunicaremos nos próximos passos.

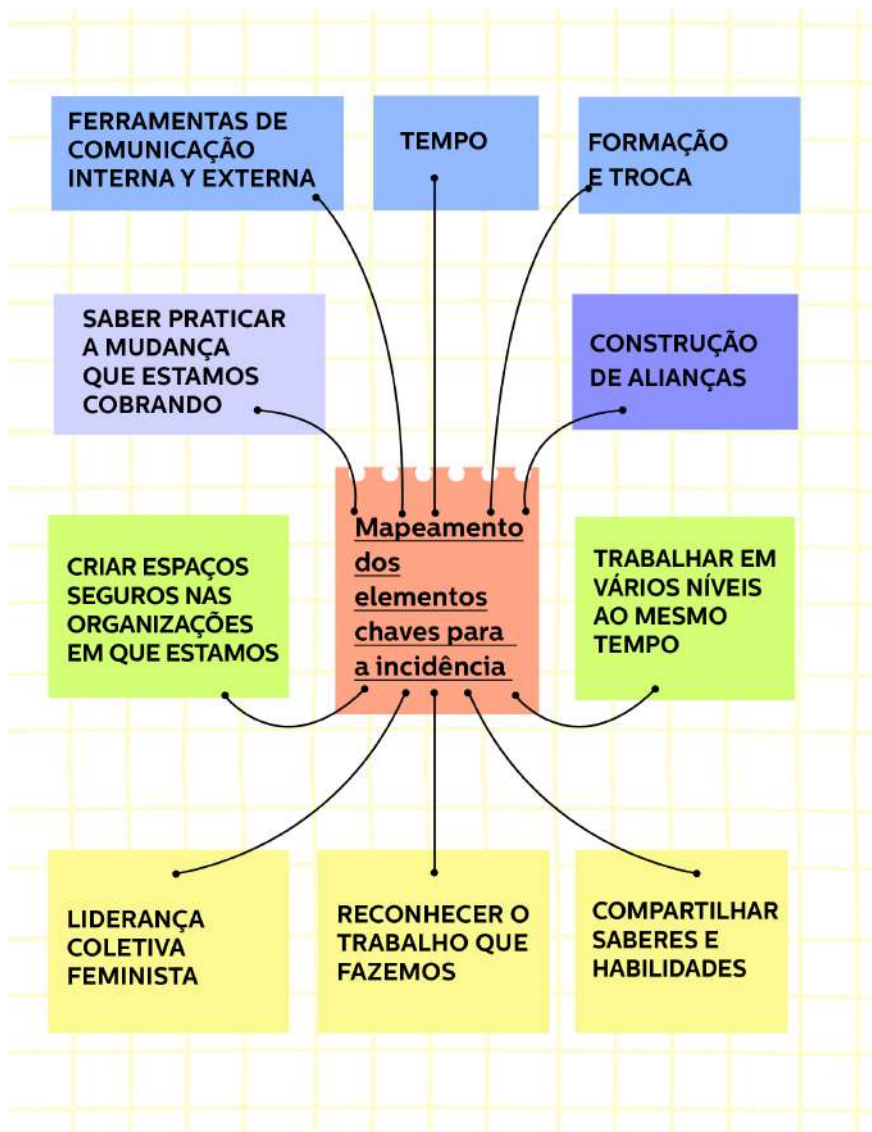
COMO: Desenhamos conjuntamente as estratégias e ferramentas necessárias para gerar essa mudança. Um ponto chave que é inegociável são nossos direitos, e a partir daí vemos quais estratégias são úteis. (Exemplo: realizando uma campanha popular de sensibilização, fazendo encontros com parlamentares e trabalho de lobby, escrevendo petições, organizando eventos e palestras, falando com os meios de comunicação e rádios comunitárias, realizando ações e manifestações nas ruas, construindo alianças com outras organizações, oferecendo formação e capacitação).

QUEM: Identificamos os sujeitos e sujeitas que podem apoiar e contribuir para a mudança (Exemplo: Ministério do Desenvolvimento Agrário, Parlamentares)

QUANDO: Estabelecemos a linha do tempo e o calendário para as nossas atividades. A incidência pode ocorrer a curto, médio ou longo prazo.

No caso da incidência entre organizações, é necessário trabalhar a organicidade para garantir a paridade de gênero e ampliar a par-

ticipação das mulheres, em toda a sua diversidade, e das mulheres jovens nos órgãos e espaços de tomada de decisão nas organizações. Faz parte da incidência o relacionamento e intercâmbio, a formação, comunicação para avaliar se o espaço no qual se pretende incidir responde aos interesses das mulheres.



PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO SOBRE A TEMÁTICA

Refletir a partir das seguintes perguntas

> Em qual espaço estamos trabalhando a incidência?

> Quais são os temas prioritários?

> Quais desafios enfrentamos?

> Quais estratégias têm funcionado?

RECURSOS



COZINHEMOS AGENDAS POLÍTICAS

Uma Guia feminista sobre o direito à alimentação e à nutrição adequada para as mulheres nas zonas rurais | FIAN



GOVERNANÇA DA TERRA, DA PESCA E DAS FLORESTAS

Guia para a aplicação, o monitoramento e a avaliação. Manual Popular 2016.



INTERVENÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO DE MULHERES E DIVERSIDADES

Do Mecanismo da Sociedade Civil e Povos Indígenas (MSCPI) na 51ª Sessão do Comitê das Nações Unidas pela Segurança Alimentar em outubro de 2023 (Sessão de adoção das Diretrizes de Gênero do CSA). Ler aqui a avaliação feita pelo Grupo de Trabalho do MSCPI em relação às Diretrizes.



AVALIAÇÃO FEITA PELO GRUPO DE TRABALHO DO MSCPI EM RELAÇÃO ÀS DIRETRIZES.



A IMPORTÂNCIA DE CONSTRUIR UMA LIDERANÇA INTERGERACIONAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS E LUTAS DAS MULHERES E JOVENS MULHERES

ABORDAGENS DA SESSÃO

Falar em liderança implica reconhecer as habilidades e capacidades pessoais que temos como mulheres e mulheres jovens. Estas habilidades são desenvolvidas nas nossas atividades organizacionais e/ou comunitárias. Nossa liderança pessoal contribui para o aspecto intergeracional, ou seja, por um lado, honramos a memória das mulheres que nos precederam na luta e abriram caminho para que possamos participar plenamente, e, por outro lado, implica uma reflexão profunda sobre os erros no

exercício da liderança para fazer as coisas da melhor forma.

O debate intergeracional não trata apenas de honrar as ancestrais, mas também de como, na atualidade, mulheres e jovens convivem e lutam juntas, abraçando nossa diversidade e identidades.

A liderança nos serve, mulheres e mulheres jovens, para exercer o poder, um direito historicamente negado e que se aprofunda de

acordo com o contexto em que vivemos. Não se trata de exercer um poder machista e patriarcal. Mas sim de atuar de uma outra forma, construindo outra lógica de poder que coloca a vida, a redistribuição de recursos e vozes e os cuidados no centro. Para sair dessa situação, devemos nos olhar e nos apoiar mutuamente, cientes de que as nossas diferentes posições não devem ser um obstáculo, mas que podem nos permitir tecer uma liderança coletiva.

Esta sessão da escola combinou várias metodologias para refletir coletivamente sobre as habilidades e os elementos necessários para gerar novas formas de liderança coletiva. Conhecemos melhor as lideranças individuais, que frequentemente personificam muitas experiências e poderes.

Nos pareceu um desafio interessante pensar em uma liderança conjunta onde todas somos essenciais, onde o corpo de uma se soma a todos os outros corpos para formar um corpo coletivo poderoso.

Uma maré que, com a lua, move equilíbrios e gera novos horizontes, tecendo um fio contínuo entre o passado, o presente e o futuro.

Não queremos lideranças EGO-cêntricas, queremos lideranças ECOsistêmicas. Isso é alcançado primeiro com o reconhecimento e aceitação pessoal, reconhecendo-me em minhas companheiras e onde a solidariedade seja a ferramenta para uma liderança coletiva na qual juntos/as se definam objetivos comuns.



Sessão plenária de trabalho (novembro de 2023)

A partir das nossas rotas de liderança pessoal, nos perguntamos: O que significa liderar a partir de um olhar e um posicionamento feminista e comunitário? O que nos permite não deixar ninguém para trás? Quais princípios e dinâmicas nos permitem redistribuir o poder entre todas para gerar mudanças?



Durante a escola presencial, realizamos uma chuva de ideias sobre o que precisamos para praticar uma liderança coletiva. Compartilhamos uma parte dos resultados!

- É importante nos reunirmos para decidir o que queremos e valorizarmos as diferentes habilidades que trazemos para o grupo;
- Saber aplicar uma visão e uma prática horizontal;
- Facilitar as vozes que falam. Para aprender a fazê-lo, preciso entender que primeiro devo desaprender padrões e preconceitos para construir novas visões e ações. Encorajar a participação e ouvir ativamente todas as vozes. Saber promover a união, valorizando as diferenças que temos. As diversas experiências de nossas vidas nos unem, não precisam nos esmagar. Já estamos em constante mudança para poder mudar o sistema que nos oprime. Participamos de espaços que nos reconhecem. Nos articulamos.



Escola no local na IALA Maria Cano, Viotá, Colômbia. (Novembro de 2023).

RECURSOS



FAO IMPULSIONA O
EMPODERAMENTO DAS
MULHERES RURAIS NA
AMÉRICA LATINA E O
CARIBE.



CURSO GRATUITO DA ONU
MULHERES. LIDERANÇA
DAS MULHERES E PODER
DE DECISÃO



PARA A IGUALDADE DE
GÊNERO E LIDERANÇA
DAS MULHERES PARA A
RESILIÊNCIA DIANTE DO
RISCO DE DESASTRES NA
AMÉRICA LATINA E NO
CARIBE



CEPAL. UMA CHAMADA À
AÇÃO PARA IMPULSIONAR
A LIDERANÇA DAS
MULHERES E A
DEMOCRACIA PARITÁRIA
NAS AMÉRICAS.

PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO SOBRE A TEMÁTICA

Metodologias e técnicas grupais que você pode utilizar

Minha liderança pessoal

Pedir a todas as participantes que tragam um objeto, uma planta, uma semente, um tecido, uma poesia, uma foto ou outra coisa que represente sua liderança pessoal. Prepare no chão um mapeamento de sua comunidade ou território. Peça a cada participante que coloque seu objeto no local do mapa que mais ressoa com o contexto em que ela exerce sua liderança (casa, comunidade, organização, no campo, escola, etc.).

Solicite que as participantes se reúnam em grupos de 4 para que possam compartilhar umas com as outras a partir do objeto que

trouxeram e falar de sua liderança. A conversa pode ser orientada pelas seguintes perguntas: Quando percebi minha liderança? Que desafios encontro ao liderar? Que obstáculos superei liderando? Cada grupo nomeia uma facilitadora que reportará os resultados no plenário.

Ao voltar a plenária, abra um espaço para que cada grupo compartilhe suas experiências. Coletar os insights que surgem. Juntas, são sendo formados os elementos, os princípios e as habilidades que cada uma de nós contribui no caminho em direção à construção de uma liderança coletiva.

A nossa liderança coletiva

Na plenária e em círculo, cada participante será designado como uma fruta. A instrução é que quando for dito “cesta revirada” seguido do nome de uma fruta, as pessoas que representarem essa fruta mudarão de lugar, e assim com as demais frutas. No final, será pedido que se integrem em equipes de 4 de acordo com as frutas que lhes foram atribuídas.

Em equipe, trabalharão sobre as seguintes perguntas: Para vocês, o que é uma liderança coletiva e o que isso implica? O que é necessário para fortalecer as lideranças coletivas (em nível organizacional e/ou comunitário)?

Voltamos à plenária e abrimos um espaço para que cada grupo compartilhe suas experiências. Recolhem os insights que surgem. Juntas, vamos formando os elementos, os princípios e as habilidades para construir à nossa liderança coletiva.



ECONOMIA FEMINISTA E SOBERANIA ALIMENTAR

ABORDAGENS DA SESSÃO

Ao longo da escola, estabelecemos como objetivo visibilizar o trabalho invisível das mulheres e o uso do tempo. A partir das experiências de vida de cada uma, conseguimos colocar reflexões conceituais sobre o trabalho produtivo, a reprodução, os cuidados e a sustentabilidade da vida e da economia feminista, em suas conexões com a soberania alimentar e a agroecologia, para contribuir com as estratégias das mulheres em suas organizações e movimentos. Tudo isso considerando as perspectivas da economia feminista, da economia camponesa e da economia indígena, reconhecendo as contribuições de cada uma para o cuidado da vida.



PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO SOBRE O TEMA

Antes do momento de encontro, solicitamos que cada uma das mulheres participantes realizasse uma tarefa: desenhar o seu relógio com as atividades que elas realizam em 24 horas do dia.

METODOLOGIA DO RELÓGIO

Para o uso da metodologia do relógio ou do cotidiano, pedimos que cada uma das mulheres desenhe um relógio e coloque em cada uma das 24 horas do dia as tarefas que costuma realizar naquela hora. Comentamos que elas poderiam observar como era um dia comum de suas vidas. Sabemos que os dias mudam se as mulheres estão com filhos pequenos, se cuidam de idosos/as, se há pessoas com problemas de saúde em casa etc. Temos consciência de que, especialmente no caso das mulheres rurais e indígenas, os dias são diferentes em cada uma das estações do ano, nos tempos de festas, nos momentos de semeadura ou colheita.

Depois que cada uma das mulheres tem seu relógio, a ideia é que possam refletir sobre eles, fazer comparações com os de suas companheiras e pensar sobre como seriam os relógios dos homens, de seus pais, filhos, irmãos, maridos ou amigos.

Pode ser útil iniciar as nossas reflexões trazendo a história e o testemunho de 1977 de Domitila Barrios de Chungara, uma trabalhadora das minas da Bolívia, como ponto de partida para que possamos observar cada um dos relógios individuais em perspectiva.

UM DIA DA MULHER MINEIRA

Minha jornada começa às 4 da manhã, exatamente quando meu companheiro está no turno da manhã na mina. Então, preparo o café da manhã para ele. Depois, tenho que preparar as salteñas (empañadas), porque faço ao redor de cem salteñas todos os dias e as vendo na rua. Faço esse trabalho para complementar o que falta no salário do meu companheiro para satisfazer as necessidades do lar. Na véspera, já preparamos a massa e, a partir das 4 da manhã, faço as salteñas, enquanto dou comida para as crianças. As crianças me ajudam: descascam batatas, cenouras, fazem a massa. Em seguida, tenho que arrumar aqueles que vão para a escola de manhã cedo. Depois, lavo as roupas que deixei de molho na véspera.

Às 8 horas, saio para vender. As crianças que vão para a escola à tarde me ajudam. Temos que ir à mercearia e trazer os artigos de primeira necessidade. E lá na mercearia há enormes filas e temos que ficar lá até às 11 horas. Temos que fazer fila para a carne, para as verduras, para o óleo. Então, é tudo fila. Como cada coisa está em um lugar diferente, assim tem que ser. Então, ao mesmo tempo que vou vendendo as salteñas, fico na fila para pegar as coisas na mercearia. Corro para o guichê para buscar as coisas e as crianças vendem. Depois, as crianças vão para a fila e eu vendo. Assim.



Bem, das 8 até à 11 da manhã, eu vendo então as salteñas, faço as compras na mercearia e também desempenho o meu trabalho no Comitê de Donas de Casa, conversando com as companheiras que também vêm para se abastecer.

Ao meio-dia, o almoço precisa estar pronto, pois outras crianças têm que ir para a escola. À tarde, é necessário lavar roupa. Não temos lavanderias. Usamos bacias e precisamos buscar água da torneira. Também é preciso corrigir as tarefas das crianças e preparar tudo o que é necessário para as salteñas do dia seguinte.

Às vezes, surgem coisas urgentes para resolver no Comitê durante as tardes. Então, é preciso parar de lavar para atender a isso. O trabalho do Comitê é diário. É necessário dedicar pelo menos duas horas por dia a isso. É um trabalho totalmente voluntário.

As outras coisas precisam ser feitas à noite. As crianças trazem bastantes lições de casa da escola. Eles a fazem à noite, em uma mesinha, uma cadeira ou um banquinho. Às vezes, todos têm lição de casa e então coloco uma bacia em cima da cama para que um deles trabalhe nela. Quando meu marido vai trabalhar de manhã, ele dorme às 10 da noite, e as crianças também. Então, é assim que vivemos. Essa é nossa jornada. Geralmente, vou dormir à meia-noite. Então, durmo quatro a cinco horas. Já estamos acostumadas

(do livro “Se me permitem falar...” Testemunho de Domitila, uma mulher das minas da Bolívia - 1977)

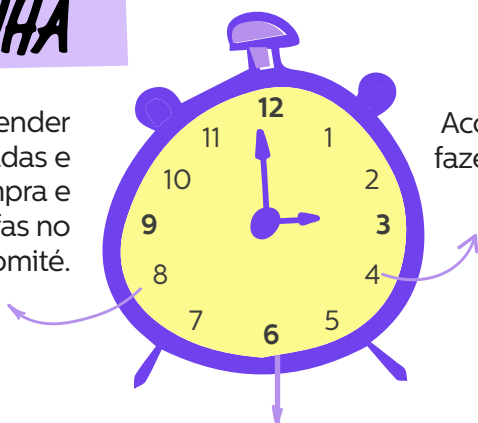
Após ler este testemunho, apresentamos os relógios de Domitila (abaixo) e pedimos que as mulheres

olhassem mais uma vez para seus relógios e pensassem sobre o que haviam colocado, o que não estava, e o que gostariam de acrescentar.

O relógio de Domitila pela

MANHÃ

Saio para vender empadas e fazer a compra e fazer tarefas no Comitê.



Acordo para fazer café

Faço empadas e dou de comer às crianças

O relógio de Domitila pela

TARDE

Eu deito para dormir.

Meu companheiro e as crianças



Volto para casa e faço almoço

Lavo, costuro, ajudo nas tarefas das crianças, preparo a massa para as empadas. Faço tarefas do Comitê.

Para las reflexiones colectivas es importante tener preguntas orientadoras y para nuestro objetivo lanzamos las siguientes cuestiones:

- O que senti quando registrei todas as minhas tarefas no relógio?
- Do que percebo ao olhar um dia da minha vida?
- Quem esconde tudo o que fazemos?
- Quem ganha quando os trabalhos não são valorizados?

<i>ATIVIDADE</i>	<i>HORAS</i>
CUIDADO DE OUTRAS PESSOAS.	13
PRODUÇÃO (AGRÍCOLA, GADO, ARTESANATO)	5
DESCANSO	4
MILITÂNCIA	2
TRABAJO FUERA DEL HOGAR	5

TOTAL DE HORAS: 29 H

ALGUMAS REFLEXÕES DAS COMPANHEIRAS DA ESCOLA

Diante à quantidade de horas trabalhadas, algumas das ideias compartilhadas pelas companheiras foram:

“Trabalho 14 horas e nem tinha percebido”, “Trabalho muito mais do que sou remunerada”. Também aumentou a conscientização sobre a invisibilidade do trabalho que as mulheres fazem: “Ninguém leva em consideração o trabalho, apenas temos que fazer”, “É um trabalho que se esconde, que não é visto, ao contrário do trabalho de um homem, ele trabalha na construção, seu trabalho é notório e progride, as horas o ocultam, é um trabalho que não se vê”.

A distribuição desigual foi o cerne do debate, comparando as atividades das mulheres com as dos homens: “Se eu trabalho na produção agroindustrial, depois do dia inteiro eu deixo tudo limpo, os homens trabalhando não precisam limpar, eles pensam que uma mulher vem no turno da tarde para limpar”.

Outro tema que abordamos é a falta de descanso, sobre reconhecer a necessidade de recreação ou tempo de lazer:

“Se contarmos as horas de militância, não sobram muitas horas de descanso”,

A VIDA NO CENTRO E A DEFESA DA SOBERANIA ALIMENTAR

Outro tema que discutimos na escola foi sobre as contribuições da Economia Feminista, Economia Camponesa e Economia Indígena na construção de uma vida digna para todos e todas, em uma relação harmoniosa com a natureza, reconhecendo-nos como parte dela e percebendo que somos interdependentes e ecodependentes, e que é dessa maneira que construímos a soberania alimentar.

A economia capitalista coloca o dinheiro, o poder e a acumulação no centro, por isso é um projeto de morte que avança atentando contra a vida nos nossos territórios. Recuperar as contribuições de outras economias onde a vida está no centro é vital para construir alternativas a esse sistema capitalista, racista e patriarcal. Na economia camponesa, o centro é a vida digna no campo; na economia indígena, a defesa do território, da ancestralidade e da espiritualidade; enquanto na economia feminista, o centro é a sustentabilidade da vida, visibilizando e enfrentando as opressões do patriarcado. As propostas alternativas têm alguns aspectos semelhantes e, às vezes, diferentes, por isso é necessário combiná-las para construir a economia camponesa, indígena e feminista que propomos, e alcançar a defesa da soberania alimentar, sustentando a vida de nossos povos.

METODOLOGIA DA CADERNETA

Outra metodologia utilizada em nossa escola, agora no espaço presencial, foi a “Caderneta Agroecológica”.

A Caderneta Agroecológica é uma metodologia político-pedagógica criada pela Organização Não Governamental (ONG) Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) de Minas Gerais, Brasil, juntamente com os movimentos de mulheres do Leste e Zona da Mata de Minas e o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) do Brasil. Seu objetivo foi contribuir para valorizar e visibilizar o trabalho e a contribuição das mulheres para a economia comunitária e local.

A Caderneta é um instrumento simples com 4 colunas onde as mulheres anotam diariamente tudo o que consomem, doam, trocam ou vendem de sua produção, de todo o resultado de seu trabalho em suas fazendas ou pátios produtivos. Com a soma de tudo o que as mulheres produzem, juntamente com os dados gerados também pelos mapas da sociobiodiversidade e pelos questionários socioeconômicos, é possível dar visibilidade a tudo o que estava invisível do trabalho e da produção das mulheres agricultoras, camponesas e indígenas, contribuindo tanto para o reconhecimento da sua contribuição econômica para suas famílias, comunidades quanto para dar subsídio às políticas públicas a serem implementadas pelos e os governos,.

No exercício durante o nosso encontro presencial na escola, desenhamos um grande caderno para cada grupo, e elas escolheram uma das mulheres do grupo como exemplo para as anotações.

Como podemos observar na tabela, na primeira coluna do “consumido”, anotamos tudo o que comemos em casa todos os dias do mês e que vem de nossas fazendas ou pátios produtivos. Escrevemos, nesta ordem, as quantidades e sua medida, o nome dos produtos ou alimentos e depois o valor deles no mercado local. Fazemos o mesmo com as colunas de “doado”, “trocado” e “vendido”.

Depois, somamos todos os valores e escrevemos na última linha, abaixo. Somamos os três primeiros totais. As somas podem ser feitas quando o quadro estiver concluído. O objetivo é ter o total dos valores por mês. O valor total, com a soma de tudo o que foi consumido, doado, trocado e vendido, representa toda a contribuição das mulheres e de seu trabalho para a renda familiar e a economia local.

Após completar a caderneta, podemos nos questionar:

- Alguma vez atribuímos um preço ao que fazemos?
- O que acontece se atribuirmos um preço também ao trabalho de limpeza e cuidado?
- O que acham dos números?
- Se contribuimos tanto em casa, também tomamos decisões?

Com o exercício coletivo de completar a tabela, muitas questões já surgiram sobre como as mulheres têm uma grande diversidade de produtos em suas áreas, mas que não são reconhecidos como produção, muitas vezes porque são para autoconsumo e não envolvem troca de dinheiro por eles. Plantas medicinais para chá, por exemplo, não são consideradas produção, mas as mulheres dedicam horas de seus dias para cuidar delas. Nisso, muitas mulheres que inicialmente afirmavam não ter nada em suas propriedades, após listas extensas de alimentos produzidos, conseguiram perceber que tinham muito, que trabalhavam muito e contribuíam significativamente para suas famílias e comunidades.

Depois da apresentação dos trabalhos em plenário, vimos que essas questões foram discutidas em todos os subgrupos. Tivemos casos de mulheres que compartilharam suas histórias de separação e que perderam tudo, pois seus maridos ficaram com a propriedade, o que mostra como a invisibilidade do trabalho das mulheres as priva do acesso a outros direitos, como à terra.

Uma discussão interessante realizada por muitas delas foi sobre os trabalhos domésticos e de cuidados que não são reconhecidos como trabalho nem a importância que têm para que todo o trabalho considerado produtivo seja realizado. Conversamos que este instrumento não serve para registrar isso, mas que esta reflexão é fundamental para que pensemos em outras formas de visibilizar e valorizar os trabalhos domésticos e de cuidados. Citamos, inclusive, a experiência no Brasil da Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico, coordenada pela Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste e pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia.

**Caderneta Agroecológica
Por Eliana Teles,
Agricultora familiar da
comunidade Guritiba,
Santana do Cariri, Ceará,
Brasil**

A caderneta agroecológica
Veio a nos alertar
Abrir os nossos olhos
Para poder nos mostrar
A força que tem a mulher
E quanto pode brilhar

Uma ferramenta de poder
Entregada na nossa mão
Para mudar a nossa vida
Em forma de anotação
Um maior incentivo
Para a nossa produção

Segurá-la nas nossas mãos
Nos faz compreender
Sábias foram as pessoas
Que vieram te criar
Mas a sorte é nossa
De em tuas linhas, escrever

Ao final de cada dia
Corro para anotar
E às vezes sem perceber
Me encontro te abraçando
Balanceando-te em meus
braços
E sorrindo sem parar

Não pense que é uma boba-
gem
É uma forma de amar
Vai muito além do papel
Difícil de explicar
Porque transforma tudo aqui
dentro
Para olhar para fora.



* A poesia está na
página 128 do seguinte
documento.

RECURSOS



VIDEO
CADERNOS AGROECOLÓGICOS

PROGRAMA SEMEAR
GT MULHERES DA ANA



A ECONOMIA FEMINISTA
COMO FERRAMENTA
POLÍTICA

MARCHA MUNDIAL DE
MULHERES



VIDEO
MANOS DE MULHERES, MAR-
TA GÓMEZ (FEAT: MARTIRIO,
ANDREA ECHEVERRY E ANAT
COHEN)



VIDEO
ECONOMIA FEMINISTA:
APRENDENDO COM AS
AGRICULTORAS(SOF)

O QUE O FEMINISMO E A SOBERANIA ALIMENTAR REPRESENTAM PARA MIM?

“ Para mim, o feminismo é quebrar paradigmas construídos ao longo dos anos pelo patriarcado, dentro de um contexto de construção de paz, reconhecendo nossas capacidades como mulheres. A soberania alimentar é poder escolher os alimentos que vamos consumir e produzir. Queremos que a nossa voz seja ouvida porque somos nós que alimentamos. Temos muito a contribuir”

Laura

“Não é fácil ser uma mulher indígena. Temos o direito de ser livres e libertadas. A soberania alimentar é a base fundamental dos nossos saberes indígenas ancestrais”

Emerita

“Para mim, o feminismo é a luta que fazemos para atingir um ambiente mais justo para as mulheres, e a soberania alimentar é o direito dos povos de definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis sobre como cultivar seus próprios alimentos”

Wendy

“O feminismo é trabalhar pela igualdade e visibilizar nossos direitos ao acesso ao trabalho, educação, saúde e alimentos. A soberania alimentar é o único que nos garantirá ter um mundo bem alimentado, com alimentos saudáveis e acessíveis para cada habitante do nosso planeta. As mulheres enfrentam um desafio muito grande, pois somos nós que podemos garantir a soberania alimentar com nosso trabalho e nossa participação. Espaços como este fornecem o impulso necessário para avançar neste caminho”

Marisa

“Feminismo e soberania alimentar caminham juntos. A partir do feminismo, hoje conquistamos muitos direitos, e a soberania alimentar é nossa essência, nossa cultura, nosso conhecimento e sabores que nos identificam. As mulheres são as guardiãs das sementes e dos saberes ancestrais”

Florinda

“O feminismo nos permite visibilizar nossa contribuição, nosso trabalho como mulheres em todos os níveis e áreas, assim como cuidadoras de nossa soberania alimentar com nossas hortas agroecológicas.”

Nilda

“Feminismo e agroecologia são duas abordagens coletivas que podem ser potencializadas para eliminar situações de desigualdade e opressão. Elas propõem transformações libertárias para o cuidado da vida”

Paola

“O feminismo é a luta das mulheres pela defesa de seus direitos em todos os espaços. Soberania alimentar é a autonomia dos povos, é o direito a uma alimentação adequada, em interação com a natureza, cuidado dos animais, com práticas de cultivo ancestral que nos permitem reproduzir a vida. Uma vida biodiversa. As mulheres sustentam o trabalho em nossas fazendas, exercendo a soberania alimentar não apenas dentro de nossas famílias, mas sustentando a alimentação dos povos globalmente. No entanto, nosso papel não é reconhecido; somos quem suporta maior discriminação e várias formas de violência. Muitas vezes, essas situações são normalizadas”

Martha

“O feminismo é a igualdade de direitos para participar, decidir, expressar e tomar decisões sobre nossos corpos como sujeitos de direitos. A soberania alimentar é o direito de decidir o que produzir e como produzir para preservar nossa cultura”

Verónica

“O feminismo nos permite abrir caminho para a participação cidadã nos espaços públicos, com os mesmos direitos dos homens”

Hilda

“Nós, mulheres, desde as nossas ancestrais, preservamos nossa alimentação e a independência dos alimentos. Passamos isso de geração em geração. Assim como a medicina tradicional, é uma forma de resiliência e resistência”

Alejandra





**ALIANZA POR LA
SOBERANÍA ALIMENTARIA
DE LOS PUEBLOS DE
AMÉRICA LATINA Y EL
CARIBE**